

ANÁLISE DE COMENTÁRIOS SOBRE FEMINISMO NA COMUNIDADE DO FACEBOOK “NÃO ME KAHLO”

ANDRESSA GALVÃO MACHADO¹; SÍLVIA MEIRELLES LEITE²

¹Curso de Jornalismo, Universidade Federal de Pelotas – deds-pel@hotmail.com

²Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas – silviameirelles@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O termo ciberespaço foi usado pela primeira vez em 1982 por William Gibson para descrever um espaço virtual onde tudo estava interligado – humanos, tecnologia, mídia- e não havia uma distinção entre a realidade física e a virtual. O texto de Gibson influenciou, em parte, a leitura atual de Ciberespaço, que pode ser interpretado como um ambiente virtual disposto pela tecnologia e trata-se de um local que não existe no mundo físico, apenas no mundo não palpável. Tudo o que é colocado no ciberespaço pode circular livremente entre ele através das comunicações entre os usuários.

Dentro do Ciberespaço existem as redes sociais. A rede social, assim como o ciberespaço, é um ambiente virtual, não é palpável. “Assim, uma rede social há a conciliação de dois elementos: os nós (atores sociais) e as suas conexões (interações e laços sociais)” (ZAGO apud RECUERO, 2009). Desta forma, as redes são espaços para interações interpessoais, compartilhamento e troca de informações, objetivos, valores, características e gostos em comum. O Facebook, rede que será analisada neste trabalho, foi criada em 2004 por Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz, Chris Hughes e Eduardo Saverin. Desde o início, seu objetivo era manter as relações interpessoais. No início esta era limitada apenas para o uso estudantil da Universidade de Harvard, mas com o tempo, sua abrangência foi aumentando até se tornar uma rede social na qual pessoas do mundo inteiro podem se cadastrar. Depois de cadastrado na rede o internauta está apto para utilizar a rede e suas funções, como adicionar outros usuários como amigos, criar e/ou participar de *fan pages*¹, grupos ou comunidades, compartilhar material por meio de publicações em sua *timeline*², conversar com seus amigos via chat, etc.

No caso da comunidade, objeto de estudo deste trabalho, é possível que seja publicado, compartilhado e produzido conteúdo pela mesma. Dessa forma, as pessoas que curtirem a página da comunidade receberão as atualizações em suas linhas do tempo. Ao receberem essas atualizações os internautas poderão interagir com a página e entre si através das postagens por meio de comentários. A comunidade do Facebook “Não Me Kahlo”³ é um espaço feminista para estudo do tema, onde a proposta é ampliar o conhecimento e o debate sobre este com a finalidade de desconstruir o machismo presente na sociedade.

O feminismo, por sua vez, teve origem no século XIX e até hoje é uma temática bastante discutida. Há diversas linhas de pensamento e ideias conflitantes dentro do feminismo e seus integrantes. A definição que hoje em dia é aceita por grande parte das feministas é de que o feminismo não prega nem a superioridade da mulher sobre o homem, nem a igualdade entre eles e sim a equidade entre dos gêneros. Com o passar dos anos o movimento vem mudando suas pautas, desde o

¹ Página no Facebook destinada para interações sobre um determinado assunto

² Página inicial do Facebook onde são mostradas as atividades dos amigos e páginas curtidas pelo usuário

³ Disponível em: <https://www.facebook.com/NaoKahlo>

século XIX algumas vitórias já foram conquistadas pelas feministas e também outras novas questões foram colocadas em discussão. Dessa forma, a luta foi se modificando e de acordo com o tema pautado em cada época, o feminismo dividiu-se em três partes, denominadas de três ondas.

2. METODOLOGIA

Este trabalho utilizará a Análise de Redes Sociais de acordo com Fragoso, Recuero e Amaral (2013). A abordagem será de uma pesquisa qualitativa na internet, onde se busca entender o indivíduo, bem como este pensa, age, sente, dentre outros. No caso, o estudo busca entender o que os internautas comentam sobre as notícias veiculadas à comunidade do Facebook “Não Me Kahlo” e o que estes estão adicionando de informações à mesma.

Para executar a pesquisa qualitativa na Internet é preciso definir primeiramente o tipo e subtipo da amostragem. Após isso, escolhe-se o cenário e os sujeitos que serão analisados. Depois desses passos, o instrumento de coleta de dados e de análise de dados também são decididos.

Dessa forma, a amostragem será de tipo intencional e subtipo por critério. O cenário utilizado será o Facebook, mais especificamente a comunidade Não Me Kahlo, e o sujeito será os comentários dos usuários. O instrumento de coleta de dados será a observação e o instrumento de análise de dados será a ARS, que analisa os atores e suas conexões, o tipo de rede e os dados de composição, de estrutura e dinâmicos. No trabalho em questão os atores serão os usuários do Facebook e as conexões serão as interações entre eles via comentários nas postagens da comunidade “Não Me Kahlo”. O tipo de rede analisada será a rede inteira, por se tratar de um grupo. Os dados coletados são analisados de acordo com sua estrutura, composição e dinâmica.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO



Figura 1 – Postagem escolhida para análise

A postagem escolhida para análise é do dia 12 de junho de 2015. A escolha foi feita por ser a postagem mais comentada do período escolhido e que possui matéria jornalística vinculada. Ao todo são mais de 450 comentários na postagem e mais de 650 respostas aos comentários. É preciso ressaltar que a postagem tem tom de ironia, visto que o experimento foi realizado em peixes, não em humanos.

Para coletar os dados foi utilizada a observação dos comentários e do conteúdo dos mesmos, ressaltando os relevantes para o trabalho e descartando os demais. Dentre os mais de mil comentários e respostas aos mesmos, foi escolhido um total de cinco comentários para analisar, utilizando o critério de relevância para o trabalho. O critério de escolha de quais comentários utilizar foi verificando quais destes acrescentavam novas informações à postagem em questão, indo além do conteúdo da matéria.

Ao analisar os comentários, foi possível perceber que a maior parte deles se restringe a mulheres e homens confrontando-se. Frases como “E a louça, já lavou?”, “mimimi de feminazis” e imagens de potes de palmito ou memes ridicularizando e/ou diminuindo as feministas são o principal conteúdo das postagens por parte dos homens. Já por parte das mulheres, em sua maioria são comentários falando sobre *male tears* (lágrimas de homens), reclamando do “mimimi de omi”, ou tentando demonstrar o quanto a opinião de homens não lhes importam. Porém, em meio a ofensas e discussões, foi possível verificar comentários com conteúdo relevante para o trabalho em questão.

Foram percebidos comentários vindos de homens que continham conteúdos sobre biologia e complementavam a postagem feita pela Não Me Kahlo. Um dos comentários, por exemplo, explicava a partenogênese. Este tipo de comentário serve para suscitar novos pensamentos nos leitores da postagem que, muitas vezes, não tem este tipo de conhecimento. Também é necessário destacar que mesmo sendo escritos por homens em uma página feminista, não foi utilizada linguagem vulgar e nem intenção de atacar as mulheres.

Além destes, há outros comentários feitos por homens que questionam o feminismo. As perguntas propostas pelos homens indagam o feminismo, suas pautas e ressaltam a importância dos homens na sociedade. Estes apresentam caráter crítico e levantam questões sobre os homens serem realmente privilegiados, como se pode perceber na Figura 2. Em oposição a estes que educadamente fazem perguntas e/ou questionam o feminismo, também existem os comentários que embora acrescentem informações e gerem discussões sobre o tema, possuem teor de ofensa, tanto por parte de homens quanto de mulheres.

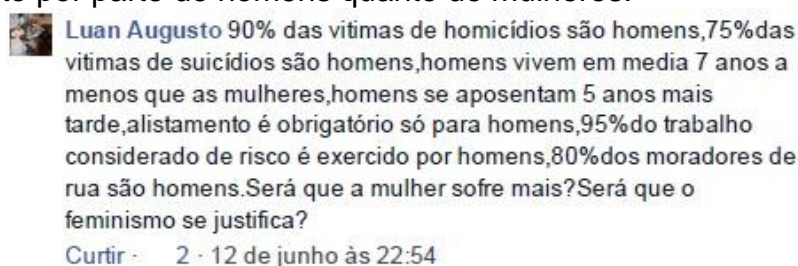


Figura 2 – comentário de Luan Augusto

Levando em consideração o critério de dados dinâmicos da ARS pode-se perceber que os laços sociais (conexões entre os usuários) são fracos, pois estes não possuem intimidade, apenas fazem parte de um mesmo grupo momentâneo. Para a análise do capital social, foi levado em consideração o conteúdo das mensagens trocadas entre os usuários. Nestes podemos perceber que nem todas as mensagens são ofensivas e sem fundamentação, e que alguns usuários estão dispostos a debater o assunto, trazendo novas informações e até contrapontos que podem enriquecer o material postado pela página. Também se observa que quando há respostas nos comentários que não estão ligados diretamente com a postagem - e sim com discussões que surgem em torno do feminismo - as pessoas trazem informações para fundamentar seus argumentos.

4. CONCLUSÕES

Foi possível perceber que os usuários não se limitam a comentar apenas o que está sendo apresentado na postagem feita pela página, travando sempre discussões em torno do feminismo, do machismo, das disputas de poder, entre outros. Estes também não se restringem em argumentar somente com o que está sendo proposto na notícia, visto que adicionam diversas informações nos comentários, sejam estas relacionadas com a matéria ou com o tema da página.

Além de comentar sobre o assunto, trazendo conhecimentos prévios sobre o tema proposto, os internautas também fazem relação com novas informações por meio de links, vídeos, fotos, etc. Estas discussões, quando saudáveis, podem ajudar a instruir as pessoas e fazerem estas pensar mais sobre assuntos que, talvez, antes elas desconhecem.

O trabalho aqui apresentado servirá como base para a produção de um trabalho de conclusão de curso da faculdade de jornalismo. Para isto, este ainda será aprofundado e novas questões serão abordadas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011. 239 p.

MESSA, M. R. **Os Estudos Feministas de Mídia: uma trajetória anglo-americana**. 2006. Disponível em: <http://www.pucrs.br/famecos/pos/cartografias/artigos/marcia_messa.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2015.

MONTEIRO, S. D. **O ciberespaço: o termo, a definição e o conceito**. Datagramazero: Revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, jun. 2007. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/jun07/Art_03.htm>. Acesso em: 16 jun. 2015.

PATRÍCIO, R. e GONÇALVES, V. **Facebook: rede social educativa? I Encontro Internacional TIC e Educação**. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/3584/1/118.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2015.

SCHWINGEL, C. **Ciberjornalismo**. São Paulo, Paulinas, 2012. 199 p.

TORRES, M. **Desafios do feminismo: um movimento sempre e movimento (teoria, prática e política)**. Disponível em: http://famanet.br/scriptio/wp-content/uploads/revistas/DESAFIOS_%20DO_FEMINISMO_UM_MOVIMENTO_SEMPRE_EM_MOVIMENTO_TEORIA_PRATICA_E_POLITICA.pdf>. Acesso em 16 jun. 2015.

WEBER, S. P. T. **Redes sociais: o centro das atenções**. In: Tecnologia da Informação na Gestão Pública. Ano 8, número 11, dez 2011. p. 42-43. Disponível em: <http://www.prodemge.mg.gov.br/images/revistafonte/revista_11_web.pdf#page=42> Acesso em: 16 jun. 2015.